

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO
EDITOR, João Pinto Evangelista

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 57

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 1200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 24500. Semestre, 12500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes tem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

2.º ANNO

A questão clerical

O CASO DAS TRINAS

Repetimos a pergunta, feita n'este mesmo local, no ultimo numero d'este periodico:

E' verdadeiro, não é verdadeiro, o caso particular referido agora pela *Patria*?

E responderemos da mesma forma:

Pouco importa. O que importa é saber-se se outros casos identicos se tem dado já nos recolhimentos religiosos, prohibidos pela lei, e se outros identicos se podem dar e repetir. Ora a este respeito não ha duvidas nenhuma.

Nenhum homem, nenhuma mulher resiste impunemente ás tendencias da natureza. Quanto mais suffocadas, mais essas tendencias se affirmam e mais ameaçam explosão. Ora nos recolhimentos de religiosas, prohibidos pela lei, ha homens. Está provado. E, n'este caso, ha de haver fatalmente relações amorosas entre homens e mulheres.

Suffocados os desejos animaes, condemnados pela religião nos ecclesiasticos como um crime, esses desejos, assim reprimidos, assim condemnados, hão de explodir por caminhos loucos ou criminosos. D'ahi essas allucinações eroticas que, desde os tempos mais remotos, se veem produzindo nas freiras ou nas religiosas recolhidas em conventos; d'ahi esses attentados ao pudor, que os jornaes de todo o mundo todos os dias referem, attentados commettidos, nos collegios religiosos, por jesuitas ou padres de ordens equivalentes, sobre creanças de ambos os sexos.

E por um d'esses attentados, que chegam ao conhecimento dos periodicos, quantos centos d'elles ficam sepultados n'aquellas casas, onde tudo está preparado para o sigillo, onde o criminoso tem sempre certo o silencio de todos os empregados do estabelecimento, cuja bocca é fechada pelo fanatismo ou pelas regras da ordem a que pertencem!

Os collegios jesuiticos são, por esse lado, um perigo enorme.

Mas ha mais. A religiosa é a mulher que está em peiores condições para educar creanças.

A que principio obedecem os paspalhões que lhes vão entregar as filhas? Procedem por ignorancia? Procedem por pedantismo, visto ser hoje uma condição de *bom tom* entregar a educação das filhas ás *irmãs da caridade*?

E' corrente que os jesuitas são sábios e intelligentes e que, por isso, ninguém tem mais competencia do que elles para o en-

sino. Ora isto é completamente falso e demonstra a ignorancia profunda de quem faz taes affirmações. Em Portugal, como no estrangeiro, está demonstrado, com documentos insuspeitos, que os jesuitas não tem os conhecimentos nem as faculdades necessarias para o ensino. Em Portugal basta lêr, para adquirir esta convicção, *Os Jesuitas e as Congregações Religiosas em Portugal nos ultimos trinta annos*, livro de um ex-jesuita e actual professor do lyceu de Lisboa, o sr. Borges Grainha, homem que, sob aquelle duplo aspecto, tem sobeja autoridade no assumpto, com a circumstancia particularmente attendivel de não ser um ex-jesuita banal, porque, já pelas suas relações de familia, já pelo seu largo tirocinio nas casas jesuiticas de quasi toda a Europa, ficou com um profundo conhecimento da seita; o *Discurso* proferido na camara dos deputados pelo sr. Marianno de Carvalho, em sessão de 16 de março de 1883; o *Relatorio* da commissão de syndicança de Castello Branco, publicado pelo sr. dr. Souza Refoios; *A Sciencia e o Jesuitismo*, do sr. dr. Miguel Bombarda, etc.

No estrangeiro, obtêm-se a mesma convicção lendo os trabalhos de Hippaux sobre instrução publica; os discursos parlamentares de Paul Bert sobre a discussão da lei de Ferry, pronunciados na camara franceza em 21 de junho, 5 de julho e 7 de julho de 1879 e, sobre tudo, o livro do sábio Huber, professor da Universidade de Munich—*Les Jesuites*, traducção franceza.

Os jesuitas nunca estiveram, nem estão, em condições de ensinar, porque nunca estiveram, nem estão, a par da sciencia, salvo meia duzia d'elles, nem tanto, e estes perseguidos pelos outros, afastados de todos os cargos da ordem, como Secchi e Moigno, por isso mesmo que a sua sabedoria os torna incompativeis com a ignorancia dos outros, que desdenham.

«Estudaram o latim á antiga, mas não estudaram as linguas modernas; ignoram completamente a geographia e a historia, porque estas materias não entraram no seu plano de estudos. Não conhecem as diversas phases da litteratura, porque não lhes permittiram a leitura dos melhores auctores. As mathematicas sabem-nas muito superficialmente, porque as estudaram todas n'um anno; de physica sabem mais alguma coisa, embora não resistissem a um concurso; em philosophia ignoram todos os systemas, desde Descartes para cá, porque as ligeiras noções que tem d'elles foram obtidas atravez d'um prisma falso. Fui professor n'um collegio de jesuitas e conheço muito de perto os professores jesuitas do nosso paiz e até alguns estrangeiros; posso portanto repletar a quem me contradiga.» (Borges Grainha, liv. citado pag. 183 e 184.)

«Que se deve pensar d'uma instituição scientifica que precisa de uma ordem do geral ou da congregação geral para mudar de grammatica, para adoptar um systema de physica ou de astronomia, d'uma instituição que sobre os seus 50.000 professores de philosophia, não conta um unico que tenha alguma reputação, que, com o mesmo numero de professores de litteratura, produziu tão poucas obras litterarias de valor, e tão poucos mathematicos com os seus 2.000 professores de mathematica?» (Huber, liv. citado, pag. 203.)

O sr. Borges Grainha accrescenta que os jesuitas recorrem a todas as hypocrisias, e usam de todos os expedientes para que os seus alumnos obtenham approvações nos lyceus, sem conseguirem, com tudo, que estes se apresentem com tantas habilitações como os alumnos seculares. O sr. Souza Refoios, lente da Universidade de Coimbra, confirma-o plenamente no seu relatorio, pag. 28 a 34:

«A commissão mandou chamar os alumnos que no verão fizeram exame de historia: convidou-os a que apreciassem a revolução franceza como lhes tinha sido ensinado. Um alumno, que foi approved com distincção, foi o unico que se prestou a isso, estimulado pela censura feita a outro distincto, que dizia não se lembrar já. A apreciação de todo o movimento revolucionario de 1789 a 1793 na França foi o seguinte: que a revolução franceza foi um grande mal, pois que d'ella nasceram todas as idéas de liberdade, que desde então se tem espalhado por toda a Europa. Esta apreciação é quasi a mesma que os alumnos do collegio fizeram em 1875 no Lyceu de Castello Branco perante as commissões de exames, nomeadas pelo governo. No 1.º dia de exames apresentaram-se os alumnos dizendo—que da revolução franceza resultaram ainda peiores males que da liberdade de imprensa. O digno presidente do jury estranhou-lhes que os seus mestres lhes ensinassem aquella apreciação: no dia seguinte os novos examinandos do collegio teciam no exame os maiores elogios á revolução franceza. D'onde se prova, por um lado a direcção e natureza reaccionaria do ensino, por outro lado a hypocrisia que d'um dia para o outro se recommendou aos novos examinandos; hypocrisia sim, porque a apreciação, ensinada hoje, é a mesma que appareceu no primeiro dia de exames.

O mesmo alumno do collegio, interrogado pela commissão sobre formas de governo, achou a monarchia absoluta notavelmente superior á monarchia constitucional.»

«Se isto se pôde consentir ou tolerar, dizia o sr. Marianno de Carvalho em sessão parlamentar de 16 de março de 1883; se se pôde consentir que matem o corpo das creanças com pessima alimentação, que lhes pervertam o coração com doutrinas falsas e perigosas, que lhes estraguem a intelligencia com ensinos viciosos e reaccionarios.» (Borges Grainha, livro cit., pag. 225 e 226.)

O que se diz dos collegios de rapazes diz-se dos collegios de raparigas. Antes, n'estes é peor.

«Quem as não conhecer de perto não faz ideia da ignorancia das nossas

Religiosas portuguezas, que ensinam por esses collegios. E note-se que applicamos esta reflexão aos melhores collegios, frequentados pela aristocracia e burguezia, e não já aos collegios para creanças pobres, onde a ignorancia excede tudo o que se possa dizer, a ponto de nem a estas nos referirmos aqui em materia de ensino litterario.

As Religiosas ensinam a lêr, escrever e contar, e ensinam um pouco de grammatica e de linguas. As mestras, em geral, sabem isto mal e mal o ensinam. As Religiosas evitam que as suas educandas vão fazer exames aos lyceus, e só muito raramente as deixam ir a exame de instrução primaria e mais raramente ainda de linguas n'algumas terras de provincia, onde tem maior ou a maxima probabilidade de bom exito; e, para as prepararem, ainda tem de chamar professores ou professoras extranhas e seculares. E geralmente não mandam as alumnas a exame pelo medo que tem de que se descubra a sua ignorancia.»

Portanto, chegamos a isto. A moral das casas religiosas, prohibidas pelas leis do paiz, é tudo quanto ha de mais monstruoso, como demonstrámos no numero passado d'este periodico e como temos demonstrado tantas vezes. Dos attentados ao pudor, commettidos n'essas casas, toda a gente conhece os que se tem tornado publicos e toda a gente suppõe os que poderão ter ficado occultos. A educação litteraria e scientifica é desgraçada. A educação pratica desgraçada é, porque não sahe de lá uma rapariga sabendo fazer umas ceoulas, uma camisa, um vestido, um chapéo, frigrir dois ovos e muito menos governar uma casa. A educação physica limita-se á flexibilidade da espinha dorsal deante dos altares e dos santos e aos exercicios de rezas. A educação civica é contraria á familia e á patria, porque é primeira condição d'um religioso ou de uma religiosa jesuitica esquecer as amizades, repellir abertamente a familia, como demonstraremos n'um artigo seguinte, para viver apenas na obediencia cega aos Superiores.

Essas mulheres d'alma secca não podem ter caridade nos hospitaes nem amor e ternura nas escolas, porque toda a ternura e toda a caridade se lhes exgotou no coração. Oh, não! Não ha mais ternura na alma d'aquella que repelliu e amaldiçoou o seu pae, na alma d'aquella que repelliu e amaldiçoou a sua mãe! Não ha meiguice para os pequeninos n'essa infeliz que deixou no berço o irmãsito, abandonado, sem um beijo de saudade e sem um grito de dôr! Não ha mais sentimentos n'esses que, gelados já pelo repudio cruel da familia, disséram ainda o ultimo adeus aquillo que vibra na nossa alma até á morte: a doce recordação da nossa infancia, a saudosa lembrança das sombras a que dormimos a nos-

sa innocencia e dos regatos aonde lançámos os primeiros suspiros d'amor.

Não. A irmã da caridade, a mulher cruel que não acode ao seu pae moribundo nem ao seu irmãsito roto ou faminto, não tem caridade porque não a pôde ter. Ella pôde ir até ao sacrificio estoico. Oh! Mas por *caridade*, nunca!

Com a esperanza no reino dos céos, com a consciencia de servir uma seita poderosa e absorvente, com o fim que quizerem.

Por *caridade*, nunca! Caridade não ha no coração tenebroso que se fechou para sempre ao amor da familia e da patria, que aceitou o repudio d'esses nobres sentimentos, repudio que lhe é imposto como primeira condição do ingresso na *Ordem*, como, repetimos, havemos de provar no artigo seguinte.

Por caridade, nunca!

Mas se essas mulheres não tem caridade, nem consciencia, nem sciencia, a que titulo lhes entregam os burguezes as filhas?

A titulo de *elegancia e bom tom*. E' o titulo com que todos esses pataratas d'Aveiro mandam educar as filhas ao convento de Jesus e com que os pataratas de todo o paiz as mandam educar, a todos os outros conventos que ha espalhados por esse paiz fóra. Pataratas filios de sapateiros, de mercieiros, de marnotos remediados ou de mangas de alpaca pelintras, na sua maioria.

Que imbecilidade tão repugnante!

Que humanidade tão abjecta!

E' JUSTO

Diz uma folha local, a proposito da confirmação de uma sentença do juiz d'esta comarca na relação do Porto, que o sr. dr. Antonio Emilio, advogado da parte vencedora, se houve n'essa questão, como em todas, com uma proficiencia deveras notavel.

Bravo! Muito bem!

Como em todas. E' exactissimo. E' singular que o sr. dr. Antonio Emilio vença todas ou quasi todas as questões em que advogue. Mas é exactissimo. O que só se pôde attribuir ao seu excepcional talento.

Quanto ao sr. juiz, se sua excellencia não fosse tambem um talento capaz de comprehender o talento do sr. dr. Antonio Emilio, claro é que o sr. dr. Antonio Emilio não venceria as suas questões.

Mas é estranho que a folha local seja esta a primeira vez que fale na confirmação das sentenças do juiz pela Relação do Porto.

Desejariamos ter noticia de todas as confirmações, para termos ao sr. juiz o elogio que merece.

LA foi ella. Para que, não se sabe bem. Mas foi. E, fosse para o que fosse, o peor é ter ido com luxos e espaventos desnecessarios.

A expedição podia muito bem ter sido commandada por um coronel. Já no numero anterior dissimos que um coronel commanda forças eguaes e superiores. Mas em Portugal, ao mesmo tempo que se enganam os papalvos impondo-lhes o exercito como uma coisa á altura do melhor no genero, pratica-se em assumptos militares o contrario de tudo que nos exercitos estrangeiros está assente como bom.

Nos exercitos estrangeiros um capitão tem a maxima independência na instrução e disciplina da sua companhia. Em Portugal não tem independência nenhuma. Quando se trata de instrução traz sempre atraz de si um major ou o proprio coronel a fiscalisar. E por fiscalisar entende-se, no exercito portuguez, mandar, pôr e dispor.

Quando se trata de disciplina, a competência é nullo e só a fingir, visto o coronel poder alterar ou annullar o castigo. De forma que competência disciplinar verdadeira nos regimentos só ha uma: a do coronel.

Lá fóra, considera-se o serviço dos regimentos o mais honroso e o mais util de todos. Em Portugal é muito mais honroso e muito mais util e importante vigiar a candonga, dar ruzga a mēretrizes e vadios, assaltar casas de batota e andar de guarda á hydra, pois que os officiaes da guarda fiscal, da policia civil e da guarda municipal tem muito mais garantias e lucros do que os officiaes da fileira. Por aqui o util e o honroso: A importância vem de que nenhum major na fileira pôde commandar companhia e nenhum capitão fazer de subalterno e na fiscal e municipal faz-se tudo isso e muito mais. Tal é a importancia extraordinaria d'estes serviços de caga á candonga e á hydra!

Do mesmo modo, se ámanhã a França ou a Allemanha, nações militares por excellencia, declararem guerra a Portugal, cada coronel da nossa infantaria ha de commandar oito companhias a 230 homens cada uma, mais homem menos homem, pelo menos, e alguns coroneis, de qualquer arma, hão de commandar necessariamente brigadas, pelo menos occasionalmente, no campo da batalha, na impossibilidade de qualquer general de brigada. Isto contra qualquer exercito de qualquer civilizada, progressiva e forte nação europeia.

Para fazer parada a pretos, que outro destino não tem, afinal, a expedição que partiu, é necessario que um general commande menos de dois mil homens e que um coronel, ou tenente coronel de infantaria, o que vale o mesmo, commande tres companhias!

Um general para commandar a expedição, outro general para governar a provincia, com enormes gratificações, ajudantes, cavallos, etc.

E' do paiz deitar as mãos á cabeça.

Depois, grande numero dos officiaes que vão na expedição são distinctissimos, segundo as Novidades e outros orgãos da corte. Novo perigo! Quando os officiaes não são distinctis-

simos, ainda vá que não vá. Em sendo distinctissimos é de pedir misericórdia; temos certas as condecorações com as pensões.

Porque, no fim de contas, os officiaes distinctissimos do exercito portuguez só tem vencimentos normaes para tempo de paz. Em tempo de guerra, tem logo pensões a ajuntar áquelles vencimentos. D'onde se conclue que não são militares para a guerra, mas militares para a paz.

Deus nos livre de termos ámanhã uma guerra a sério. Que as pensões, dadas ás viúvas dos officiaes mortos e aos officiaes vivos, que haviam de ser, por varios motivos, muito mais numerosas do que aquellas e, em todo o caso, muito mais odiosas, sobre-carregariam tanto o paiz como a indemnisação de guerra paga ao vencedor.

Isto pelo que toca aos officiaes distinctissimos, que vão sendo tantos como as areias do mar. Os outros, os que não tem geito para a lisonja nem feição para o servilismo, nem artes de enganar o mundo, podem obrar maravilhas, que pensão espanta elles.

Dos soldados nem falemos. Esses morrem de fome ou estendem a mão á caridade publica. E' a recompensa da patria!

E toda a jornalada, de todas as cores politicas, a entoar hymnos ás expedições, fazendo o jogo dos seus promotores, comparsas, actores e auctores!

Triste imbecilidade. Pobre paiz.

Presumpção e agua benta...

As Novidades, de quarta-feira ultima, dando o presidente Kruger em Lourenço Marques, davam a guerra anglo-boer por terminada e o exercito boer muito proximo da anarchia. E accrescentavam:

«E permita-se-nos que tambem nós nos desvanecemos, por mais uma vez n'este assumpto de guerra termos corroboradas as nossas impressões e justificado o que temos escripto.»

Ora valha-nos Nossa Senhora!

Mais uma vez? Mais uma vez a contradicção e o dislate. Assim o mesmo periodico, que dava na quarta-feira o exercito boer muito proximo da anarchia, já dizia na quinta que o que não admitté duvida é que o refugio de Kruger pôde não ser, e naturalmente não é, o fim forçoso da guerra, e, na sexta, que pelos telegrammas de hontem e de hoje vê-se que fervem as complicações em Africa.

E' sempre assim. Quantas vezes tem as Novidades annunciado o fim da guerra? Não foram ellas dos que acreditavam que o generalissimo inglez iria passar a noite de Natal a Pretoria?

Pois deixe, que muito tem visto e alguma coisa ainda lia de vêr.

um estudo se este celebrado pintor existisse já n'essa epoca. Passadas umas tres horas em que o judeu se conservou immovel n'essa posição, ouviu-se um ruido de passos sobre os degraus que conduziã ao carcere, os ferrolhos correram com ruido, a porta girou sobre os gonzos e entrou Reginaldo Testa-de-Boi, seguido dos dois escravos sarracenos do templo.

Testa-de-Boi era um homem de estatura elevada e athletica, que passara a vida na guerra ou a batalhar com os seus visinhos e que não hesitava nunca sobre a escolha dos meios tendentes á dilatação do seu dominio feudal; as suas feições, em harmonia com o seu caracter, mostravam signaes indeleveis das paixões mais violentas e perversas. As cicatrizes que as sulcavam teriam, sobre qualquer outra physio-

Associação Commercial

Recebemos o Relatório da Associação Commercial de Aveiro. Agradecemos.

E' um documento bem elaborado. Por elle se vêem os esforços empregados pela Associação para os progressos de Aveiro, e, principalmente, pelo seu presidente, o sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto, que é digno de louvor nos seus esforços patrioticos e intelligentes.

Partiu para a sua casa de Villa Verde o sr. João Soares Feio d'Azevedo, dignissimo secretario geral d'este districto.

JÁ É PRECISO...

A Soberania do Povo começa o seu artigo editorial por estas palavras:

«As leis portuguezas sobre liberdade de imprensa são as mais liberaes do mundo.»

Já é preciso audacia!

Então com que as mais liberaes do mundo!

Nem a livre Inglaterra nos chega!

Nem a liberrima Suissa.

Nem a propria França, onde os delictos de imprensa são submettidos ao jury.

As mais liberaes do mundo!

A audacia com que isto se escreve é de pasmar.

Vê-se que o articulista ou esteve a mangar com a tropa ou não conhece a legislação estrangeira sobre a imprensa.

E' isto o mais provavel, como se deprehende mesmo do decorrer do artigo. Se o articulista conhecesse a imprensa franceza ou mesmo a ingleza, ou não eserevesse para um publico ignorante, não se atreveria a mostrar indignação pelas phrases violentas do jornalista portuguez.

A imprensa franceza é d'uma violencia ultra. Não faltam periodicos em França para dizer todos os dias as ultimas injurias á Republica e ao presidente da Republica, aos ministros, á religião catholica, ao exercito, a tudo. Só quem nunca lêu «L'Intransigeant», «L'Auctorité», «La Cocagne», «La Libre Parole», «L'Echo de Paris», «L'Aurore», etc, pôde atrever-se a admirar-se da violencia dos nossos jornalistas e a afirmar que as leis portuguezas sobre liberdade de imprensa são as mais liberaes do mundo.

Na propria Inglaterra, onde a imprensa é geralmente com-

nomia, atrahido a sympathia e o respeito devidos aos vestigios de um valor digno de respeito; n'elle só serviam de accentuar a ferocidade do seu rosto e o terror que inspirava a sua presença. Esse temível barão trazia vestido um gibão de couro, muito justo ao corpo, sujo e coçado pelo atrito da sua cotta de malhas; por unica arma tinha um punhal pendente do cinto e formando uma especie de contrapeso ao molho de chaves suspenso do outro lado.

Os escravos pretos que seguiam Testa-de-Boi haviam deixado o seu vestuario brilhante; vinham de saias e calções de linho grosseiro, traziam as mangas arregaçadas até cima do cotovello, como os carneiros do açougue, e cada um trazia um cabaz na mão. Assim que se acharam dentro, pararam no

fundado da enxovia e não fizeram mais movimento algum. Testa-de-Boi fechou a porta com duas voltas da chave; e depois de tomada esta precaução, caminhou lentamente para o lado do judeu, fitando-o com o olhar como se quizesse reduzi-lo á impotencia, a modo de certos animaes a que se attribue essa manobra para fascinare a sua preza. Parecia realmente que o olhar sombrio e mau de Testa-de-Boi era dotado com relação ao seu infeliz prisioneiro de uma parte d'essa pretendida influencia. Ao ver-lhe a bocca escancarada e os olhos fixos sobre elle, Isaac sentiu um tão violento accesso de terror, que parecia litteralmente querer entrar para dentro de si proprio e encolher-se cada vez mais, ao mesmo tempo que sustentava os olhos d'aço do feroz barão. Não só o

As leis de imprensa em Portugal, nem são livres, nem se cumprem na pouca liberdade que nos dão.

E quanto á luva branca que a Soberania pretende, dir-lhe-emos que luva branca usa-se nos salões e nunca entre salteadores.

Fique-se com esta o collega, que, aliás, não temos em mente melindrar, nem incluir em referencias picantes.

Fique-se com esta—e bem sabe que estamos dizendo a verdade—que se fica bem.

Prufas e thermas

Foi para as Caldas de S. Pedro do Sul o nosso amigo sr. padre Bruno Telles, professor da escola da freguezia da Gloria.

Para a Figueira da Foz, o sr. Annibal Fernandes Thomaz.

EÇA DE QUEIROZ

AS SUAS OBRAS

(Do Crime do Padre Amaro)

Ordenado o padre Amaro, foi prior para a freguezia de Feirão, na Gralheira, serra da Beirra Alta. Mas não lhe agradou a parochia, que era pobre e triste, e deitou-se a Lisboa a pedir auxilio ás filhas da sr.ª Marquiza de Alegros, a dama beata que deixara o legado para elle ser ordenado. Encontrou uma d'ellas, a sr.ª condessa de Ribamar, e um dia, em casa d'esta, onde se achava o sr. ministro da justiça, o padre Amaro conseguiu ser nomeado prior da freguezia da Sé de Leiria.

E' excellente essa scena de casa da condessa de Ribamar, onde o aristocrata Eça de Queiroz, como dizem os panegyristas pelintras,—aristocrata do talento, isso sim—não perde occasião, como sempre, de metter a fidalguia e o bom tom a ridiculo.

Tendo d'ir para Leiria, padre Amaro escreve para aqui, a um conego que fóra seu professor no seminário, o conego Dias, pedindo-lhe para lhe arranjar casa. O conego Dias, que tem uma amante, a S. Joanneira, fica muito contente, porque resolve metter o

prior em casa da amante, o que lhe irá diminuir os gastos que faz com a S. Joanneira. De facto, assim que Amaro chega a Leiria, o conego descreve-lhe a nova casa com côres de rosa e lá o vai encaixando. A S. Joanneira tem uma filha, a mais bella rapariga de Leiria. O padre Amaro vê-a e desde logo se lhe accende um desejo ardente da menina Amélia.

A menina Amélia, educada na hypocrisia beata do horror da carne, com o sangue quente, tanto mais excitado quanto mais a hypocrisia lhe impunha o dever de fugir dos homens, gosta do padre desde que o vê, e o desejo que se accende n'elle é o desejo que se accende n'ella.

Coincidiu o quarto da menina Amélia ficar por cima do quarto de Amaro. Amaro, assim, sentea todos os dias deitar, e as botinas que cahem no chão ao descalçar, as saias engommadas que rangem ao despir, levam o padre ao rubro. Por este motivo, passava horas no quarto, a dominar o calor e a exaltação que d'elle se apoderam.

Amélia sente o padre passeiar em baixo e agarra-se com furia aos traverseiros, como se tivera o proprio padre nos braços.

Contudo, o padre hesita em confessar o seu amor á Amélia-sinha.

Um dia ha um jantar de padres, n'uma aldeia proxima de Leiria, onde comparecem os frequentadores da casa da S. Joanneira, que é, á noite, um centro e ponto de reunião do beaterio. Quando Amaro, quente do jantar, regressa á cidade, encontra Amélia á porta d'uma quinta e dá-lhe um beijo. Amélia, surprehendida, cõra e foge a correr! E' tal a alegria que lhe vem de se saber amada pelo padre que não tem palavras para lhe dirigir nem força para ficar ao pé d'elle. Mas o padre interpreta d'outra forma a vermelhidão e a fuga de Amélia, convence-se de que ella vae contar o caso á mãe, fica cheio de medo com a idéa do escandalo e, assim que chega a Leiria, diz ao conego Dias que sabe de casa da S. Joanneira por escriptulos de consciencia. Acha que não lhe fica bem estar n'uma casa onde ha uma menina. Que o mando pôde falar e que elle não quer dar pasto a murmuraciones nem aguentar com a responsabilidade de comprometter uma reputação. Pede ao conego que lhe arranje outra casa. O conego, em quem podia mais a luxuria do que a avareza, promptifica-se logo a arranjar a

desgraçado não teve força para se levantar e fazer ao seu inimigo o cumprimento que o medo lhe aconselhava, mas nem sequer pôde tirar o seu barrete ou articular uma palavra de supplica, a tal ponto estava convencido de que era chegada para elle a hora das torturas e da morte.

A imponente estatura de Testa-de-Boi parecia, pelo contrario, ir augmentando, como a da agnia que erriga as penas no momento de cair sobre a sua presa. A tres passos do canto em que o infeliz judeu tinha, por assim dizer, encarquilhado no menor espaço possivel, o normando parou e fez signal a um dos escravos para se approximar. O negro acolytico avançou, biron do seu cabaz uma balança e pesos, collocou-o aos pés de Testa-de-Boi e voltou para junto do seu cama-

N'esta disposição de resistencia passiva, e tendo-se envolvido por todos os lados nas suas vestes para se resguardar da humidade do pavimento, Isaac estava guardado a um canto da enxovia; e lá, com as mãos cruzadas, os cabellos e a barba em desalinho, a sua capa forrada e o seu alto barrete, e alumia-do por uma restea de luz que se espantava n'uma pequenina area deixando o resto na sombra, poderia ornecer a Rembrandt assumpto de

casa, porque já andava aborrecido com a presença do parcho, que o não deixava refocilar á vontade no goso do S. Joanneira. Prefere augmentar a pensão a esta a ter lá o padre como embaraço. De maneira que quando Amaro percebe que a Ameliasinha nada disse á mãe nem a ninguém, antes o trata com mais agrado do que nunca, já é tarde, porque já o conego Dias lhe arranjou nova casa, e fica desesperado com a sua precipitação.

Vae aborrecidissimo para a nova casa e Amelia aborrecidissima fica. Deixa mesmo de comparecer ás reuniões da S. Joanneira, onde eram certos o padre Natario, o padre Brito, o conego Dias e varias beatas. Mas a S. Joanneira encontra-o e encerra-o pela sua ausencia. Convida-o a voltar ás reuniões. Que lá o espera n'esse dia á noite. Amelia, muito corada, emquanto a mãe, accrescenta baixinho:

— Até á noite, sim? — E mais baixo, olhando em redor, com medo: — Oh, vá! Tenho estado tão triste! tenho estado como doída! Vá, peço-lh'o eu!

«Amaro, voltando para casa, continha-se para não correr de batina pelas ruas. Entrou no quarto, sentou-se aos pés da cama, e alli ficou saturado de felicidade, como um pardal muito farto n'um raio de sol muito quente: recordava o rosto de Amelia a redondeza dos seus hombros, a belleza dos encontros, as palavras que lhe dissera: *Tenho estado como doída!* A certeza de que a *reparação* gostava d'elle entrou-lhe então na alma com a violencia d'uma rajada, e ficou a suar por todos os recantos do seu ser com um murmurio melodioso de felicidades agitadas. E passeava pelo quarto com passadas de covado, estendendo os braços, desejando a posse immediata do seu corpo: sentia um orgulho prodigioso: ia defronte do espelho alçar a arca do peito, como se o mundo fosse um pedestal expresso que só o sustentasse a elle! Mal pôde jantar. Com que impaciencia desejava a noite!»

Continuou a ser intimo da S. Joanneira, onde ia jogar o quino todas as noites, com calcadellas de pé e apertos de mão, por debaixo da meza, n'um principio de luxuria crescente com a Ameliasinha.

Mas a Ameliasinha tinha um namorado, um noivo, o João Eduardo, escrevente no cartorio do tabellião Nunes Ferral, com promessa, para breve, do logar de amanuense no governo civil. João Eduardo percebeu que o Amaro lhe roubava a Ameliasinha e tentou um recurso para a salvar. A «Voz do Districto», periodico local, andava então, por motivos

radá. Os movimentos d'estes homens eram lentos, solemnes e como que regulados segundo o plano de um horrivel drama combinado de ante-mão. Testa-de-Boi, finalmente, dirigiu-se ao seu prisioneiro, apostrophando-o d'esta maneira:

— O' mais maldito cão de uma raça maldita, disse em voz forte e cavernosa, que se repentiu no carcere em ecos lugubres, — vês esta balança?

O judeu acenou levemente que sim.

— Pois bem, replicou o implacavel barão, tu vae pesar-me n'ella mil libras de prata, com a medida e peso exactos da Torre de Londres.

— Bemaventurado Abrahão! exclamou Isaac recuperando a voz em tão critica extremidade. Por ventura algum homem ouviu um

de politica, á bulha com os elementos clericas. João Eduardo publicou um comunicado na «Voz do Districto» contra os padres que frequentavam a casa da S. Joanneira, communicado onde insinuava que o Amaro tentava seduzir a Ameliasinha.

Os padres ficaram desesperados. Um d'elles, o padre Natario, rancoroso a valer, jurou mesmo descobrir o auctor do communicado e vingar-se.

O padre Amaro aterrou-se á idéa do bispo o transferir, como transferiu o padre Brito, denunciado no communicado como amante da mulher do regedor da freguezia. E abandonou novamente a casa da S. Joanneira. Por seu lado esta, vendo a reputação da filha comprometter-se, resolveu casal-a quanto antes com o João Eduardo. E assim o estratagem a d'este logrou effeito.

A vida do padre Amaro tornou-se outra vez horrivel com os desejos cada vez mais aguilhoados e cada vez com menos probabilidades de serem satisfeitos. E elle, que estava quasi a satisfazer-se, com uma carta prompta convidando Amelia a encontrarse sósinha com elle, quando o communicado appareceu!

Entretanto, tudo se preparou para o casamento do João Eduardo com a Ameliasinha. O padre Amaro ia perder os seus encantos. E vinham-lhe delirios, quando á sua imaginação ardente se offereciam aquelles seios opulentos, aquellas fôrmas redondas, aquella pelle linda, aquellas pestanas de velludo, que elle queria apalpar e sorver em beijos!

(Continúa.)

“O NORTE”

Em Aveiro vende-se no kiosque Central.

FALLECIMENTO

Falleceu ha dias em Coimbra o sr. dr. Engenío da Costa e Almeida, que foi, em tempo, juiz de direito na comarca de Aveiro.

Era um juiz integro, independente, probo como poucos. E' consolador affirmal-o, agora que a magistratura portugueza vae sendo maculada em todo o paiz por homens sem sciencia nem consciencia.

E somos insuspeitos n'este preito de homenagem prestado ao fallecido dr. Costa e Almeida, por isso que o Povo de Aveiro foi condemnado por elle por abuso de liberdade de imprensa. Mas assim como atacamos, por simples espirito de justiça, outros que nunca nos prejudicaram materialmente, assim o mesmo espirito de justiça nos leva agora a manifestar a nossa veneração pelo grande caracter do fallecido Costa e Almeida, sem

tal pedido? Mesmo n'um conto de menestrel, quem jámais ouviu falar n'uma quantia semelhante a mil libras de prata? Que olho humano teve jámais a felicidade de ver um tão prodigioso thesouro? Não é nas paredes d'York, remexendo as cascas da minha tribu e a minha que vós encontrareis a decima parte da enorme somma que me pedis.

— Eu sou razoavel, respondeu Testa-de-Boi, e se a prata é rara, aceitarai ouro. A' razão de um marco d'ouro por seis libras de prata, tu pouparás á tua carcassa pagá um supplicio de que não fazes ideia.

— Tende piedade de mim, nobre cavalleiro! Eu sou velho, pobre e fraco. E' uma triste façanha triumphar de mim; não é gloria esmagar um verme.

— Se és velho, replicou o ca-

indagar se elle, no cumprimento dos seus deveres, nos prejudicou alguma vez.

Fomos condemnados por elle, sem que, n'esse momento, sabbisse da nossa bocca ou da nossa penna uma palavra de censura contra a sentença ou contra o juiz que a proferiu.

Annos depois, indo nós para o Porto, sósinho n'uma carruagem, entrou na mesma carruagem o dr. Costa e Almeida, então juiz da Relação. Nunca tinhamos falado com elle. O dr. Costa e Almeida, que tinha mudado de carruagem para poder conversar connosco, dirigiu-nos logo a palavra e, na conversa mantida entre nós, podemos vêr quanto era grande o seu amor á liberdade e quanto era profundo o seu desgosto por vêr o abatimento em que tinha cahido o paiz.

Mais um bom que se extinguiu.

IMBECIS

Houve em Ilhavo, na penultima quinta-feira, uma conferencia de um missionario sobre assumptos africanos. Como era de esperar, o beaterio affluin á conferencia, esperando que o conferente, visto ser missionario, lhe falasse dos cornos e do rabo do diabo, do inferno e dos caldeirões d'agua a ferver, das fornhalhas, dos gritos das almas que ardem no fogo do purgatorio, do juizo final, e das palavras terriveis do Padre Eterno mandando os reprobos para a esquerda e os bemaventurados para a direita. Mas o missionario não falou em nada d'isto. Portanto, desapontamento por parte do beaterio. E, quando no fim alguns assistentes entenderam dever applaudir o conferente, as beatas e os beatos, que tinham accorrido na esperança de ouvir um sermão de lagrimas pelo deseazo eterno das almas do outro mundo, patetaram.

Pobres imbecis!

BEM BOM

Um alferes, que se julgou aggravado por uma correspondencia inserta no *Seculo* rapou da espada e desatou a moer os ossos d'um redactor do *Seculo*.

Viva o alferes!

Pois quê, pois os senhores julgavam que era só applaudir o ministro Pimentel Pinto no principio, estabelecido por este, de que o militar aggravado não pôde procurar o desagravo na lei, mas sim na sua espada?

Então agora soffram-lhe as consequências. E não de soffrer muitas mais, para não serem imbecis.

Até aqui o militar aggravado ou melindrado pela imprensa raras vezes procedia. Ou desprezava o caso, e isto era o que fazia em geral, ou chamava o jornal aos tribunaes, porque a lei não lhe permitia outro recurso. Raramente recorria a duellos, ou a outros meios de violencia, porque o desprezo de tolices estava nos nossos

valleiro, isso é mais uma vergonha para os tolos que te deixaram envelhecer na usura e na maroteira; podes ser fraco, porque nunca se viu um judeu ter coração e braços; mas pobre, toda a gente sabe que o não és.

— Juro te, nobre cavalleiro, por tudo quanto eu creio e por tudo aquillo em que acreditamos ambos...

— Não jures falso, interrompou o normando, e não deixes que a tua teimozia ponha o selo á tua sentença antes de veres e considerares bem na sorte que te espera. Não julgues que eu falo assim unicamente para te metter medo e para tirar partido da baixa covardia que herdaste da tua raça.

(Continúa.)

costumes, bem sensatos por esse lado. Mas veio agora o sr. Pimentel Pinto e entendeu que o militar não era obrigado a respeitar as leis civis nem militares e que tinha de puxar pela espada sempre que qualquer papel publico o injuriasse.

Prompto. O alferes Lima puxou da espada e foi para os lombos do redactor do *Seculo*, periodico que applaudiu o principio do sr. Pimentel Pinto, como quasi todos os periodicos do paiz, aliás.

Puxou da espada o sr. alferes Lima e não de puxar de futuro, todos os militares. Nenhum torna a ficar de braços cruzados á qualquer injuria da imprensa. Porque seja qual for o seu temperamento e o seu modo de pensar, desde que o ministro o castiga se elle usar de processos legais contra a imprensa, elle se apressará a lançar mão dos processos illegaes.

Mas queria então o *Seculo* que o sr. alferes Lima desafiasse os redactores para duello e accrescenta bombastico que nunca houve um homem no *Seculo* que regeitasse um duello.

E' verdade. Mas tambem é verdade que nunca houve outro homem que desafiasse qualquer dos homens do *Seculo*.

Pelo menos, ninguem se lembra d'isso. Se o publico está esquecido, digam. Mas seja como for, o que o sr. Pimentel Pinto quer é que haja porrada. O que os papeis publicos applaudiram, quando applaudiram o sr. Pimentel Pinto, foi a porrada. Então, duello ou não duello, desde que tudo é porrada está salva a honra nacional havendo, de qualquer fórma ou feição, porrada.

Os papeis publicos, incluindo os republicanos, criaram esta situação. Militar aggreddo puxa da espada e pôde dar de rijo em sua defeza que está sempre bem, porque o *Regulamento Disciplinar* obriga-o a puxar por ella para repellir uma aggressão violenta contra o seu posto ou contra a sua pessoa. Militar offendido de palavras puxa da espada, dá de rijo e bem fica, porque o seu chefe legitimo, o ministro da guerra, assim quer que elle proceda.

E o *Seculo* que chie e que chiem todos, que a tropa rie-se.

Isto sem offensa, e sem o proposito de depreciar os redactores do *Seculo*, o que seria improprio n'esta occasião. Pelo contrario, somos e continuaremos sendo partidarios de que o militar é obrigado a respeitar as leis. Não ha duvida tambem que o alferes Lima é exaltado. Mas assim o quizeiram, assim o tenham.

ROMARIAS

O domingo passado foi um dia cheio d'estes divertimentos populares. Houve romaria á Senhora das Dóres de Verdemilho, á Senhora das Febres de S. Roque, ao S. Paio da Torreira, á Senhora dos Remedios da Oliveirinha, á Senhora d'Ajuda de Aveiro, e não sabemos a que outros santos e santas da corte do céu e da folhinha catholica, porque não lêmos o agiographo do bispado.

Houve romarias com musica, entremez zabumba e tapiço. Mas zabumba, entremez e tapiço toleram-se lá fóra, na aldeia; não cá na cidade, onde ha bandas com cantos e tão ferrenhos partidarios, como sequazes encarnicados teem os partidos monarchicos em Portugal. Apresentar pelas ruas da cidade um tapiço a zabumbar aos ouvidos de cidadãos inoffensivos, não dizemos que seja um crime de lésa-magestade, mas é um crime de lésa-arte, que ao Albino «Toca ou não Toca» pôde parecer a cousa mais natural e accetavel d'este mundo, mas que aos olhos das autoridades competentes deveria ser a maior barracheira praticavel n'uma cidade que se preza. E' depois tapiço e entremez, um entremez quasi sem fim, importado de Verdemilho, certamente a occultas da policia municipal, para não pagar direitos ás barreiras!

Uma d'estas só ao Albino é que podia lembrar.

E as autoridades consentiram! Por amor de Deus, senhores, lembrem-se de que não estamos na aldeia de Paio Pires.

Um tapiço pelas ruas da cidade! Está só pelo diabo.

Em Esqueira festeja-se hoje a Senhora do Rozario. De manhã tem culto interno. De tarde sahe a procissão, que percorre algumas ruas da freguezia.

Assiste a Phylarmonica Amizade.

Em S. Bernardo tambem ha hoje festa á Senhora das febres, com musica, procissão e arraial.

Hontem teve vespora com assistencia da Phylarmonica Aveirense.

O Senhor das Barrocas tambem tem hoje festa, promovida pelos mercanteis. Além do culto interno tem de tarde arraial.

ALVARO DE MORAES FERREIRA MEDICO

Consultas das 10 ás 12 horas da manhã e das 2 ás 4 horas da tarde. Chamadas a qualquer hora do dia ou da noite.

Largo do Rocío, 42 a 44

Albino Ladeira

Falleceu na terça-feira, n'esta cidade, o sr. Albino Dias Ladeira de Castro, illustrado professor de inglez e allemão no nosso lyceu.

A correção com que sempre desempenhou o seu logar, mereceu-lhe as mais justas sympathias, tanto por parte dos collegas como dos discipulos.

O feretro foi transportado no mesmo dia á noite em carro até á porta do cemiterio, e d'ahi conduzido por pobres até á capella.

Encorporaram se no funebre cortejo, além de alguns professores do lyceu, muitas pessoas amigas do extincto e admiradoras do seu caracter.

Consta-nos que para preencher o seu logar já fervilham pretendentes e movem-se influencias.

POVO DE AVEIRO

Este periodico vende-se todas as segundas-feiras na tabacaria MONACO, á Praça de D. Pedro — Lisboa.

Jayme Duarte Silva

ADVOCADO

R. DO SOL — AVEIRO

ANNUNCIOS

Bicycletas

Domingos Lutz Valente d'Almeida, vende e aluga bicycletas da marca «PEGO».

16—Rua da Corredoura—18

AVEIRO

NOVA ALQUILARIA

DE

MANUEL PICADO & PEREIRA

(Antiga casa de Fernando Christó)

N'esta casa continúa a haver carros de aluguer, servindo-se os freguezes com a maior regularidade e economia de preços.

Previnem os seus amigos e freguezes que brevemente vão estabelecer carreira diaria para a Costa Nova.

Rua da Alhandega

AVEIRO

AO COMMERCIO E AO PUBLICO

ALRINO PINTO DE MIRANDA, gerente da casa de Manuel José de Mattos Junior—o **MANUEL MARIA**—d'esta cidade, faz publico que sendo agente d'uma casa commercial de Lisboa, tem para vender em boas condições para o commercio **café crú de diversas marcas, café torrado em grão e moído, ayulso e empacotado**, por preços muito baixos, rivalizando com vantagem com as casas congêneres do Porto. As vendas são a praso, e sendo a prompto pagamento têm desconto.

Na casa de que é gerente, além dos generos acima mencionados, vendidos ao publico com muita vantagem, tem em saldo uma grande quantidade de lonça de Sacaveni que vende com 15 p. c. de desconto da tabella da fabrica e alguma com 20 p. c. Tem o deposito dos vinhos da Companhia Vinicola, composto de todas as marcas, não exceptuando o bello *Champagne*.

Ha tambem vinhos de outros armazens do Porto, das marcas mais acreditadas, por preços rasoaveis, fazendo grandes descontos para revender.

Deposito de adubos chimicos para todas as culturas e por preços vantajosos.

Armazem de vinhos da Bairrada, que vende a 60 réis o litro, tinto; branco a 100 e 200 réis, sendo para consumir em casa do freguez.

Tem mercearia bem sortida. Vende sulfato de cobre e de ferro, chumbo para caça (pelo preço do Porto, sendo por caixa de 30 kg.), bolacha e biscoito das principaes fabricas do paiz, conservas e massas alimenticias, petrechos para caçadores e objectos para escritorio, aguardente de vinho, cereaes e alcool, com grandes descontos para revender, e muitos outros artigos impossiveis de mencionar.

Encarrega-se da compra ou venda de qualquer mercadoria mediante commissão.

Rua Direita (Largo do Manuel Maria)

AVEIRO

FERRAGENS, zinco, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, pregos, para fusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó vernizes, óleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento sulfato de cobre e de ferro, chloreto, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A venda no estabelecimento de

Domingos José dos Santos Leite

RUA DO CAES

A VEIRO

Azeite do Douro

NINGUEM compre sem visitar o Armazem da Bandeirinha, á rua das Barcas; pois é allí onde se vende o puro azeite, por junto e a retalho.

Preços convidativos.

Desconto aos revendedores.

ROLÃO PALMA

ESTA farinha muito mais barata e superior do que qualquer outra para a engorda de porcos, gado vaccum, galinhas, etc. etc. vende-se unicamente no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Peixe—AVEIRO

BARRA — PHAROL

OS srs. banhistas d'estas praias encontram na loja da Gambeia, do Arthur Paes, os mais necessarios generos comestiveis, taes como feijão, massa, batata, toucinho, manteiga de porco, queijo da serra, etc. E ainda o tal *biscoito d'Aveiro*,—e o biscoito da leite, que só se vende e faz n'esta casa.

VINHO DE MEZA:—o genuino vinho de meza, limpido, dromatico, levemente tannoso, o que constitue o verdadeiro typo de vinho para meza, tambem se vende no mesmo estabelecimento, com as vantagens manifestas dos srs. banhistas terem ao pé da porta vinho bom e a preço modico.

Levam-se amostras a quem as pedir.

TYPOGRAPHIA

DO

POVO DE AVEIRO

Encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e economia todos os trabalhos de impressão, taes como: cartões de visita, participações de casamento, mappas, facturas, livros, jornaes, etc. etc.

RUA DE S. MARTINHO

A VEIRO

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

Os Mysterios da Inquisição

POR

F. GOMES DA SILVA

Obra illustrada a côres por Manuel de Macedo e Roque Gameiro.

Cada fasc. de 48 pag. papel de luxo, magnificamente impresso em typo elzevir e com uma formosissima estampa a 12 côres—120 réis.

Nos *Mysterios da Inquisição* descrevem-se horrores que agitam afflictivamente a alma, scenas que fazem correr lagrimas, escarpellam-se figuras d'outros tempos, encadeiam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos; fustiga-se a hypocrisia, enaltecem-se as grandes virtudes, faz-se rebrilhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram n'este grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos do mais exaltado amor.

Precioso brinde a todos os senhores assignantes: Uma magnifica estampa esplendidamente colorida, medindo 0,55x0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não pode olvidar.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á *Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa*—ou aos seus agentes.

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

DE

Manuel Rodrigues da Graça

R. DA ALFANDEGA

Neste estabelecimento encontram-se vinhos finos desde 240 réis para cima; arroz da terra e estrangeiro. Tem tambem um variado sortido de bolacha das principaes Fabricas de Lisboa e Porto, que vende por preços excessivamente baratos.

ATELIER DE ALFAETERIA

Joaquim Ferreira Martins
(O GAFANHÃO)

R. da Costeira—AVEIRO

ESTE antigo e acreditado estabelecimento de alfaeteria encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e barateza fatos para homem e creança, o que para isso tem um lindo sortimento de fazendas proprias para vêrão.

Espera tambem por estes dias um grande sortimento de fazendas, o que ha de mais moderno, para a estação do inverno.

Como está tambem para chegar a epoca dos varinos já tem para isso as fazendas encomendadas.

Ficam d'isto prevenidos os nossos freguezes e amigos.

Vinho de Bucellas

VENDE-SE a 160 réis a garrafa no estabelecimento de

José Gonçalves Gamellas

Praça do Peixe—AVEIRO

Previne o publico que só affiança a qualidade do vinho vendido no proprio estabelecimento, para evitar que vendam com a mesma marca outra qualidade de vinho

ARMAZENS

BEIRA-MAR

DE

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aquí levarás tudo tão sobejo
(Luz. Cam.)

Preços fixos

VENDE-SE SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão. Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escritorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de arligos da Madeira: obra de vergã, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclattes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilhariás, bijonterias, perfumarias (importação directa).

Flores artificiaes e corôas fonerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

FABRICA A VAPOR

MOAGEM DE TRIGO E MILHO

Manuel Homem de C. Christo

Vendas de farinhas, e sêmeas

Compras de milho, e trigo, tanto por junto como a retalho

RUA DA ALFANDEGA

AVEIRO

OFFICINA DE CALÇADO

DE

João Pedro Ferreira

AOS BALCOES—AVEIRO

NESTA antiga e acreditada

officina de calçado executa-se com toda a perfeição tanto para homem como para senhora e creanças toda a qualidade de calçado o que ha de mais chic.

Garante-se a solidez e economia de preço.

José Gonçalves Gamellas

A PRAÇA DO PEIXE

Neste estabelecimento encontra-se á venda o apreciado **Vinho de Bucellas** importado directamente de casa do lavrador;

A 160 RÉIS A GARRAFA

SAPATARIA AVEIRENSE

DE

Marques d'Almeida & Irmão

AOS BALCOES

Garante-se a perfeição e solidez. Preços modicos